

Rio, 19 de março de 2006

**L., 12, uma gravidez e um aborto**

RECIFE. Ela tem apenas 12 anos. Franzina, corpo ainda de menina. Quem olha para L. jamais imagina que ela já enfrentou uma gravidez e um aborto. A mãe é dona de casa e o pai, biscateiro. A família tem nove filhos. L frequenta um colégio estadual mas não gosta de estudar. Também não tem idéia do que o futuro lhe reserva. Cobra entre R\$ 15 e R\$ 30 por programa, e chega a fazer seis por noite. Vai ao motel, à casa do cliente ou faz o que for necessário no carro, no meio da rua. Começou a ser sexualmente explorada acompanhado amigas da mesma idade, quando ainda era virgem e recebia para o cliente manipular seus seios ainda em formação.

— Eu via elas saírem, entrar no carro dos homens e voltarem vivas. Achei que comigo ia acontecer a mesma coisa. Na primeira vez não fui só. Fui eu, mais duas amigas e uma de 18 anos. Ela foi no banco da frente e a gente na mala porque é de menor. Não tive relações, o homem só pegou nos meus peitos. Mesmo assim, cobre R\$ 30. Ele disse que não dava. Armei um escândalo no motel para o povo ouvir. Sou de menor, e se a polícia chegasse ele poderia ser preso. Aí ele pagou com medo.

Afirma que ultimamente desceu o preço do programa de R\$ 30 para R\$ 15, porque “o movimento está ruim”. L. tentou a Praia de Boa Viagem, mas foi roubada e maltratada pelas meninas mais experientes.

L. não é um caso isolado no Vasco da Gama, onde em uma só rua O GLOBO localizou oito meninas que trabalham na noite, duas delas com conhecimento dos pais. Em Boa Viagem, situações como a de L. se repetem. E não é só no turismo sexual. Nos sinais, meninas que ganham trocados limpando pára-brisas colecionam histórias de exploração sexual. Grávida, uma delas disse que nem assim deixa de receber cantadas.

— Os homens param e perguntam: quanto é o programa? Convite aqui não falta — conta B., 15 anos.